

Apontamentos sobre os espaços da morte e a cidade: proposição de cemitério vertical no centro de São Paulo

José Tiago Belarmino de Lima

Orientadora: Profa. Dra. Valéria Cássia dos Santos Fialho (SENAC-SP).

Pesquisa: Trabalho de Conclusão de Curso, SENAC-SP, 2018.

Este ensaio é desdobramento do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "Cemitério vertical: refletindo os espaços da morte e cidade", que discute as relações entre os espaços de sepultamentos e o meio urbano, bem como a relação do indivíduo com sua própria morte e a morte de seus entes próximos. A falta de espaço para o crescimento é uma realidade cada dia mais premente nas grandes metrópoles como São Paulo. Quanto maior a quantidade de pessoas maior é a necessidade de áreas para sepultamento. As grandes

áreas ocupadas pelas atuais necrópoles não estabelecem boas relações com seu entorno, tornando-as, ao longo da história, equipamentos afastados e excluídos do cotidiano das pessoas. O ensaio apresenta, ao final, a proposição de uma edificação funerária vertical, localizada no centro da cidade de São Paulo, que não procura escamotear a morte, mas entendê-la como parte e finalidade da vida. O projeto do espaço funerário é, para além da função de memória, um espaço de convivência, símbolo de reflexão sobre a ausência.

Notes on the spaces of death and the city: proposal for a vertical cemetery in downtown São Paulo

This essay emerged from a final term paper entitled "Vertical cemetery: reflecting the spaces of death and city", which discusses the relationship between burial spaces and the urban environment, as well as the relationship between an individual with his own death and the death of his loved ones. The lack of space for expanding is becoming a reality in large cities such as São Paulo. The higher the number of people living in a city, the greater the need for burial areas. São Paulo's current necropolises occupy large areas, but they do not establish good relations with their surroundings and ended up, throughout history, as places kept away and excluded from people's daily lives. This essay proposes the creation of a vertical funerary building, located in the center of the city of São Paulo. The goal is not to hide death, but rather understand it as part and purpose of one's life. The design of the funerary space is, in addition to serve as a space of memory, a space for social interaction, a symbol where people can reflect about absence.

Apuntes sobre los espacios de la muerte y la ciudad: propuesta de cementerio vertical en el centro de São Paulo

Este ensayo es un desdoblamiento del trabajo de conclusión de curso intitulado "Cementerio vertical: reflejando los espacios de la muerte y la ciudad", que analiza las relaciones entre los espacios de entierro y el entorno urbano, así como la relación del individuo con su propia muerte y la muerte de sus entes cercanos. La falta de espacio para el crecimiento de las ciudades es una realidad que crece cada día en las grandes metrópolis como São Paulo. Cuanto mayor la cantidad de personas, mayor será la necesidad de áreas de entierro. Las necrópolis actuales ocupan grandes áreas que no establecen buenas relaciones con su entorno y terminan por convertirse, a lo largo de la historia, en equipamientos que se eliminan y se excluyen de la vida cotidiana de las personas. El ensayo presenta, al final y al cabo, una propuesta para un edificio funerario vertical, ubicado en el centro de la ciudad de São Paulo, que no busca escamotear la muerte, sino entenderla como parte y propósito de la vida. El diseño del espacio funerario es, además de la función de la memoria, un espacio de convivencia, un símbolo de reflexión sobre la ausencia.

O medo de enfrentar a morte e o desconhecido é inerente ao ser humano. A sociedade associa o cemitério ao local aonde elas irão quando não pertencerem mais ao mundo material, o que causa certo temor. Nos tempos atuais, em que questões ambientais se sobrepõem a questões de cunho cultural, há que se discutir a necessidade de novas metodologias da problemática da morte e seu encaminhamento.

Entende-se por cemitério o local ao qual se confia os restos mortais de uma pessoa. Local este no qual o passado e o presente estão presentes, e que representa um ambiente de reflexão, oração e comunicação. Partindo do pressuposto da necessidade de se criar espaços para a prática do sepultamento, pretende-se propor, a partir desta pesquisa, uma quebra dos dogmas relacionados à construção cemiterial por meio da percepção ambiental aplicada ao projeto — um cemitério vertical cujas multifunções, simbologia e conceitos históricos foram adaptados em uma linguagem contemporânea.

INDIVÍDUO, SOCIEDADE E MORTE

São muitos os modos de lidar com a morte dada à diversidade de contributos religiosos e culturais que ajudaram a compor, em diferentes lugares, um quadro distinto de ritos, representações e crenças funerárias. A prática de sepultamento é um dos mais antigos costumes humanos; adotado por diferentes práticas religiosas, permanece até o presente, demonstrando que a preocupação com o destino final dos membros do grupo, e de si mesmo, sempre estiveram presentes nas atitudes humanas, diferenciando-nos, assim, de outros seres.

A morte é uma experiência amplamente conhecida. A Organização das Nações Unidas (ONU) estima que 102 pessoas morram por minuto, devido a causas diversas: epidemias, guerras, fome, acidentes, doenças, catástrofes etc. Cada época pode ser definida por uma forma de morrer típica, como, por exemplo, a peste e a cólera, na Idade Média, a morte por tuberculose, no período romântico, o câncer, na sociedade industrial, e a AIDS, na pós-industrial (BAYARD, 1996, p.36).

Muito embora a morte seja uma experiência ubíqua, quanto mais a conhecemos, mais a afastamos de nosso cotidiano. A questão mais paradoxal da morte, no entanto, está relacionada com o processamento moderno do morrer, ou seja, apesar desse contínuo distanciamento, o interesse popular sobre a morte aumenta, com imagens que a retratam na televisão, nos jornais e em sites da internet.

A morte se transformou numa experiência socialmente institucionalizada, cercada de ritos, hábitos e técnicas. Podemos encontrar sistemas mortuários que se baseiam em técnicas como embalsamento, cremação, enterro, ou até mesmo abandono do corpo morto, bem como cosmologias que sustentam a transcendência, a reencarnação etc. Portanto, do ponto de vista comparativo, enquanto para alguns grupos sociais a morte é encarada com serenidade, para outros pode gerar inconformismo e dor; enquanto a morte pode ser vista como punição, ela pode representar também redenção; enquanto, para alguns, a morte é vista como um fim, para outros pode constituir, simplesmente, o começo. É por isso que a morte, e suas formas de processamento, compreendem um aspecto fundamental do processo de socialização humana.

No que se refere às atitudes com relação à morte nas sociedades modernas, alguns acontecimentos devem ser ressaltados por terem contribuído decisivamente para torná-la uma ameaça, tanto para o desenvolvimento produtivo e econômico das cidades, quanto para o bem-estar dos indivíduos. Esses episódios consistiram, especificamente, no desenvolvimento das cidades, no aumento populacional e no surgimento e proliferação de doenças e pestes. Essas situações favoreceram o surgimento de demandas emergenciais de controle estritamente técnico e especializado, o que permitia, cada vez mais, a aplicação da racionalidade para combater e dissipar essas demandas.

Na sociedade moderna, a morte é organizada de forma objetiva. Esse processo é resultado da convergência de duas transformações que se encontram interligadas: por um lado, do encontro

das racionalidades científicas das áreas médicas e mercantil, bem como da indústria funerária; por outro, do declínio progressivo da religião no processamento da morte na modernidade. Assim, a morte converte-se num ponto específico de uma extensa rede de conhecimentos sociotécnicos, para o qual convergem as intervenções especializadas operadas por médicos, enfermeiros, psicólogos, atendentes funerários e, inclusive, cientistas sociais, que conferem outro significado ao morrer (WILLMOTT, 2000). Com isso, a experiência emocional da morte é transferida para a esfera privada, circunscrita, mais precisamente, ao grupo familiar e dos amigos. O significado dessa sanitização efetuada pela medicalização, mercantilização e privatização da morte é tornar o morrer invisível, ou, pelo menos, o minimamente disruptivo da rotina cotidiana.

ESPAÇOS DA MORTE E CIDADE

[...] a cidade dos mortos antecede a cidade dos vivos. (MUMFORD, 1998, p.13).

A vida e a morte se manifestam nas cidades. Em seu traçado, praças, construções e paisagens encontram-se diferentes registros da vivência humana. Dentre eles está a morte, popularmente conhecida como a "única certeza da vivência humana" e, tal como os nascimentos, casamentos, encontros e desencontros desde os primeiros agrupamentos humanos, pode ser identificada de alguma forma no meio citadino. Para o antropólogo José Carlos Rodrigues, "[...] a consciência da morte é uma marca da humanidade" (RODRIGUES, 2006, p.19), e podemos dizer que ela também deixa suas marcas no traçado das cidades.

Chama-se de cemitério um local no qual são enterrados os restos mortais e se sepultam ou acumulam produtos, tipicamente resíduos e resquícios — também denominado de necrópole ou sepulcrário. Na maioria dos casos é um local fortemente ligado a questões simbólicas e religiosas. Pode-se dizer que a forma como os mortos são tratados e sua maneira de disposição final são reflexos de concepções culturais.



Filme "O sétimo selo" de Ingmar Bergman, 1957.
Fonte: AB Svensk Filmindustri.

Os cemitérios são fruto do relacionamento do homem com a morte originado do ato de sepultar cadáveres, que vem desde a pré-história. Quando o homem ainda era nômade os mortos possuíam um local fixo no espaço fazendo com que a cidade dos mortos surgisse primeiro do que a cidade dos vivos.

Com o passar do tempo, a prática do sepultamento tornou-se tabu e foi inserida nas regras religiosas dos povos, instituindo um costume obrigatório na maioria das religiões. Sob a influência do cristianismo, tomou o sentido de "campo de descanso" após a morte (SOBRINHO, 2002).

No começo da era cristã houve uma série de leis que proibiam os enterros *in urbe* a fim de que fosse preservada a higiene e a santidade da casa dos habitantes. Apesar do esforço dos governantes e da Igreja Católica, surgiu um hábito novo, que posteriormente seria aceito e incentivado pela própria Igreja e, mais recentemente, novamente proibido, que é o enterro dentro das igrejas.

Chegou um ponto no qual as cidades cresceram e os cemitérios já não eram *extra-urbem*, e as populações periféricas passaram a desenvolver suas habitações em torno deles. Não havendo mais um distanciamento das igrejas e dos seus cemitérios, alguns membros do clero começaram a serem sepultados em criptas subterrâneas (denominadas carneiros), dentro das igrejas onde exerciam seus ofícios. Os locais de sepultamento dos mártires eram venerados e visitados pelos vivos.

Até o Renascimento, a igreja é o principal local de deposição dos corpos. Essas igrejas eram decoradas com ossos humanos provenientes dos próprios corpos sepultados em seu interior, nos carneiros, mas principalmente nas grandes fossas destinadas aos pobres e pessoas de menor importância social; os mais ricos eram sepultados no interior das igrejas, e um dia também seriam destinados aos ossários. Mais do que último destino dos restos, era importante que se estivesse em terreno santo, para que a alma fosse salva.

[...] fossa dos pobres, largas e com vários metros de profundidade, onde os cadáveres eram amontoados, simplesmente cosidos em seus sudários,

sem caixão. Quando uma fossa estava cheia, era fechada, reabrindo-se uma mais antiga e levando-se os ossos secos para os carneiros. (ARIÈS, 2003, p.42).

O aspecto público da morte ainda era forte, já que os cemitérios eram locais de encontro, comércio, danças, festas, música, trocas, serviços, enfim, um espaço com intensa vida urbana. Essa dinâmica nas áreas cemiteriais não durou muito, até as administrações públicas criarem leis que proibissem tais práticas.

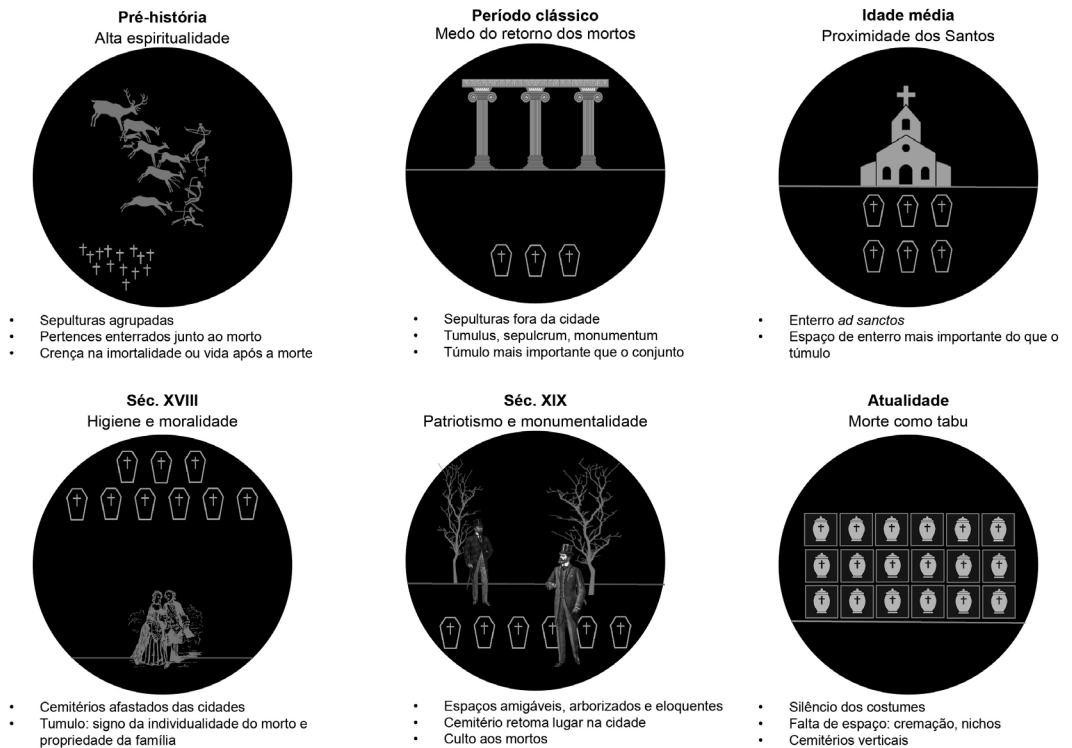
Os cemitérios tiveram origem em meados do século XVII, quando os mortos eram enterrados nos adros das igrejas, abadias, mosteiros, conventos, seminários e hospitais. Com a constatação da insalubridade e da falta de espaços para enterramentos, a partir do século XVIII estes passaram a ser realizados fora do centro urbano.

Quando a preocupação com a higiene se tornou tema central no império brasileiro, a partir da segunda metade do século XIX, o que já era fato na Europa passou a ser seguido no Brasil, reorganizando o espaço da cidade e a relação dos mortos com os vivos. Segundo Reis (1991), uma organização civilizada do espaço urbano exigia que a "higienização da morte", principalmente que os mortos fossem colocados em cemitérios extramuros. Diante dessa nova visão, os cemitérios foram distanciados das cidades, estabelecendo uma divisão entre vivos e mortos.

A partir da separação entre o poder estatal e religioso, a disposição dos cadáveres passou a ser essencialmente um problema gerenciado pelos governos locais, mas respeitando-se ritos e cerimônias dos grupos religiosos. Ao levar em consideração a implantação dos cemitérios, percebe-se que sempre houve a preocupação de afastar sua localização do centro urbano.

A maioria dos equipamentos cemiteriais no Brasil são considerados desvalorizadores do solo urbano. Existe, então, uma dualidade entre a atração e a repulsão provocada pela instalação e viabilização dos acessos aos equipamentos cemiteriais.

Para que fossem realizados os cortejos fúnebres e a manutenção adequada das áreas cemiteriais, as autoridades municipais foram obrigadas a facilitar o acesso a essas áreas. Atualmente, em grande parte dos cemitérios municipais, vemos um entorno



Transformações na relação entre espaços cemiteriais e espaços urbanos ao longo do tempo.

Fonte: Elaborado pelo autor.

bem densificado com pouca, ou nenhuma, área disponível à expansão.

Com o crescimento vertiginoso das cidades, os cemitérios foram aos poucos incorporados à paisagem urbana, como no caso da cidade de São Paulo. O progresso da cidade permitiu a dessacralização da morte, mas não rompeu a ligação dos vivos e mortos. Com o rompimento da Igreja e do Estado no século XVIII, da medicina urbana e do movimento de laicização do Estado (ARIÈS, 2003), surgem os primeiros cemitérios laicos, que se caracterizavam por túmulos edificadas com símbolos empregados para afirmar riqueza e poder (CYMBALISTA, 2002). Acabaram então por se constituir como verdadeiros reflexos das cidades: tanto em sua organização espacial quanto nas suas edificações.

Atualmente, as necrópoles ocupam imensas áreas das cidades e não estabelecem relações satisfatórias com a cidade dos vivos. Com muros altos, criam situações de espaços públicos

de baixa qualidade para o pedestre. A sensação de uma paisagem excludente repete a configuração de "muralhas" dos condomínios fechados. Além disso, calçadas estreitas e sem espaços de transição consideráveis na narrativa de seus acessos não permitem que estes equipamentos dialoguem com o entorno, convertendo-se em locais sem apropriação e excluídos do cotidiano das pessoas.

ESPAÇOS DA MORTE E A CIDADE DE SÃO PAULO

Na cidade de São Paulo, os mortos eram enterrados normalmente nas igrejas que haviam frequentado durante a vida e, sendo a igreja um lugar de convívio social, o morto ainda estaria de alguma forma integrado a ela. Com a falta de alternativas, que não a igreja, era natural que se procurasse associar-se a uma irmandade, precavendo-se da doença e



Vista aérea do Cemitério da Consolação, São Paulo
Fonte: Google Maps.

da morte, pois, salvo se manifestassem o desejo de serem enterrados em outro lugar, a maioria das pessoas era enterrada nas igrejas pertencentes à irmandade. O neófito, ao ingressar na irmandade, fazia doações, garantindo assim o gozo dos bens espirituais oferecidos por ela, os quais incluíam assistência hospitalar e a sepultura.

[...] os cemitérios passaram a integrar a paisagem urbana. No período colonial predominava uma relação íntima entre vivos e mortos — quem morria, por exemplo, podia ser enterrado dentro de igrejas, um local de convívio. "Apenas no século XIX, é que a ideia de um cemitério em um lugar afastado surgiu, junto com o desejo burguês de organizar e impor normas aos espaços, seguindo, muitas vezes, modelos de cidades europeias". (HARNIK, 2003, s.p.).

Os médicos também passam a se preocupar com os mortos e seu sepultamento, não com uma mentalidade religiosa, mas com a visão higienista, pois viam o sepultamento e outros costumes funerários realizados dentro dos templos e da cidade como altamente prejudiciais à saúde dos vivos. Os governos municipais seguem a opinião dos médicos e procuram reordenar o espaço ocupado pelos mortos, estabelecendo uma nova geografia urbana na relação entre vivos e mortos.

A precariedade dos corpos sepultados nas igrejas foi a razão das discussões e envolvimento dos médicos e sanitaristas contra estas práticas: ajudar na saúde dos vivos para que a morte não se tornasse uma questão maior na precária saúde pública da cidade.

A construção do primeiro cemitério público de São Paulo, na Rua da Consolação, por exemplo, está ligada a uma epidemia de varíola que aconteceu na cidade. Após a criação do Cemitério da Consolação, em 1858, encerrou-se em São Paulo a prática de sepultar as pessoas nas criptas das igrejas, criticada por razões sanitárias desde 1820.

A secularização do sepultamento também representou o fim do hábito de marcar a posição social dos falecidos por meio de sua localização no interior das igrejas, mais ou menos próxima do altar. O então denominado Cemitério Municipal

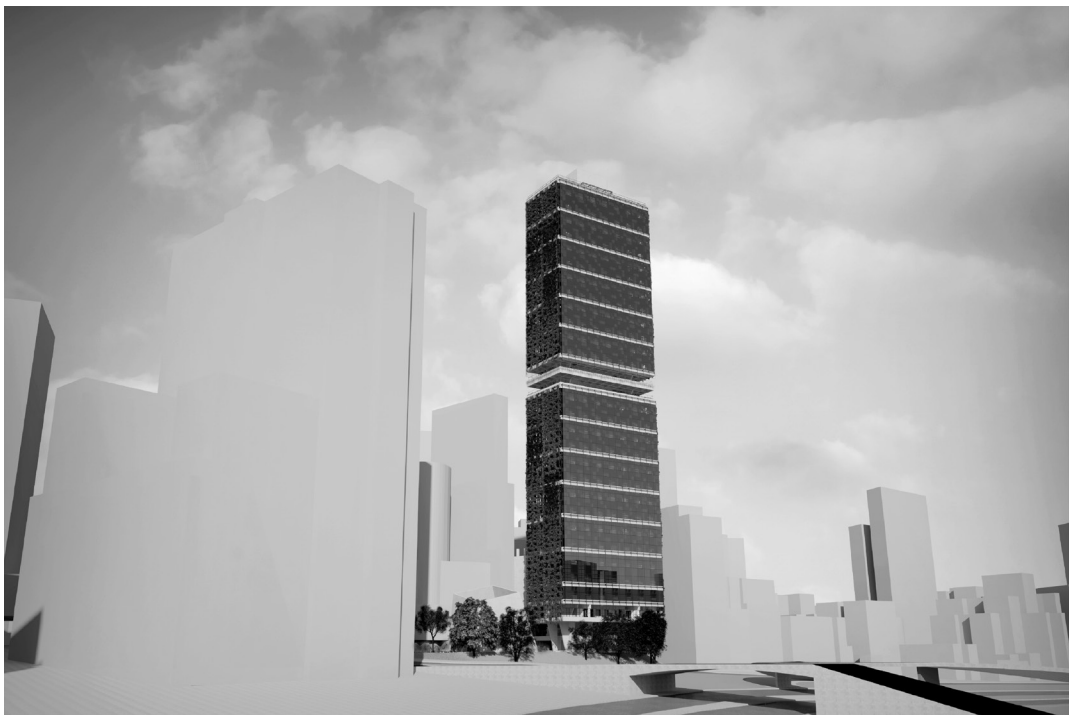
passaria a atender a todos os estratos sociais, de escravos a fazendeiros. Surge nesse contexto o hábito recorrente entre a elite paulistana de homenagear os amigos e familiares falecidos com obras tumulares monumentais, à altura de sua importância social, como forma de perpetuar após a morte a distinta posição social adquirida em vida (OSMAN; RIBEIRO, 2007).

Entre o fim do século XIX e o começo do século XX, a prosperidade advinda do plantio do café e da incipiente industrialização ocasionou profundas mudanças no perfil socioeconômico da cidade. A criação de novos cemitérios nesse período — como os do Araçá (1887), da Quarta Parada (1893) e do Chora Menino (1897) — permitiu a "estratificação social" da atividade funerária (CAMARGO, 2008). Cercados por bairros nobres, os cemitérios da Consolação e do Araçá passaram por um processo de elitização, consolidado nas duas primeiras décadas do século XX. Converteram-se em "museus de arte" a céu aberto, passando a abrigar um grande número de jazigos luxuosos e monumentos funerários encomendados por barões do café, industriais, intelectuais, médicos, juristas e pessoas públicas a escultores de renome (OSMAN; RIBEIRO, 2007).

Com a superlotação do Cemitério da Consolação e a ocupação da área verde contígua ao Cemitério do Araçá, surgiu a necessidade de um novo local para sepultar a elite econômica e social da cidade. O Cemitério São Paulo surgiria, portanto, como um "prolongamento" dessas duas necrópoles.

Os cemitérios construídos fora dos centros urbanos em São Paulo foram aos poucos sendo incorporados à paisagem urbana, principalmente por causa da expansão da cidade para além da Sé e seus muros.

Esse crescimento vertiginoso da cidade proporcionou a oportunidade de repensar a necrópole e de projetar novos espaços cemiteriais, não só distantes dos novos centros, mas com outra concepção de sepultura, dando a impressão de um local aprazível, impessoal, onde os mortos não têm hierarquia. O progresso da cidade permitiu, portanto, a dessacralização da morte, mas não rompeu a ligação dos vivos e seus mortos.



Inserção da edificação funerária na paisagem urbana.
 Fonte: Elaborado pelo autor.

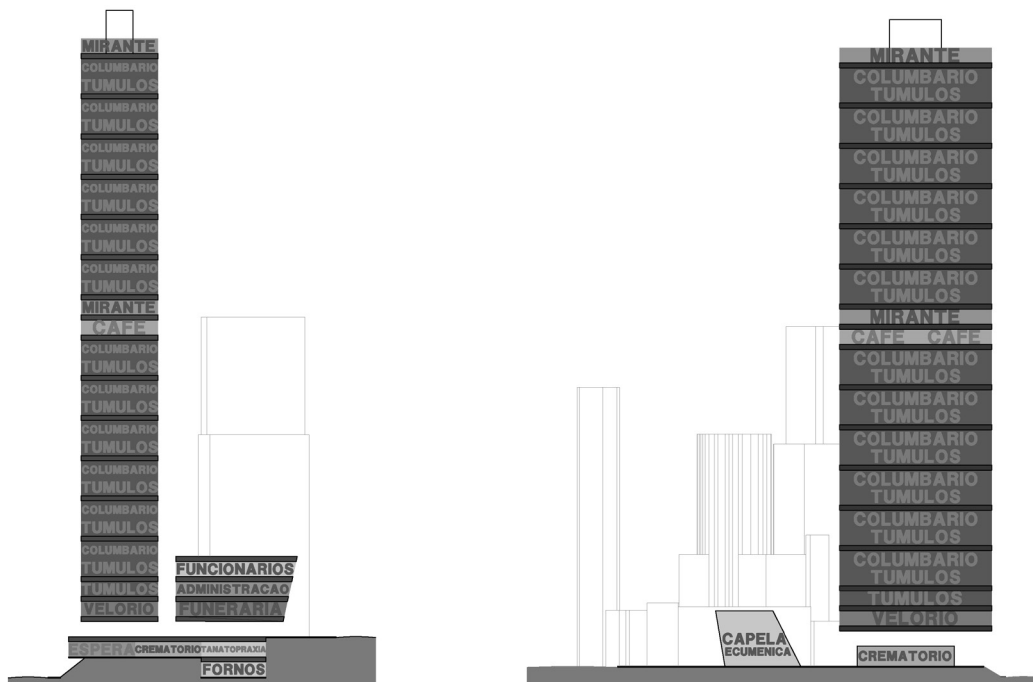
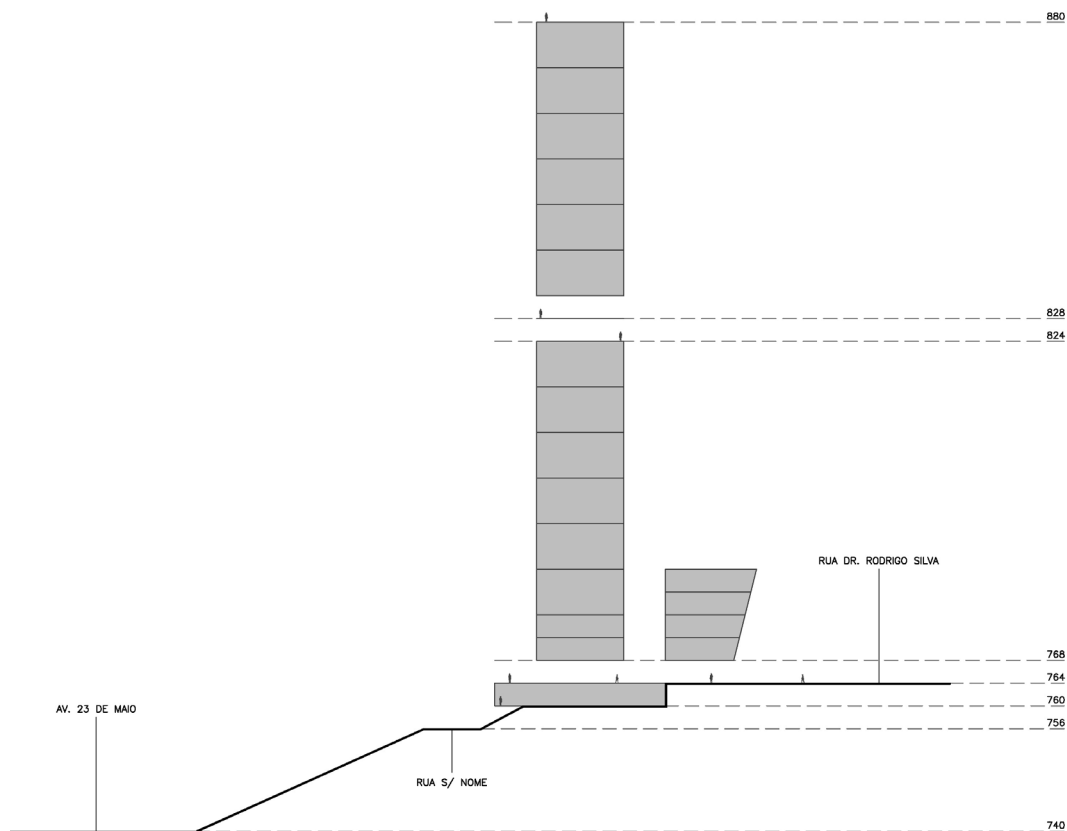


Diagrama do programa proposto para a edificação funerária.
 Fonte: Elaborado pelo autor.



Corte esquemático do projeto.
 Fonte: Elaborado pelo autor.

Atualmente, o Serviço Funerário do Município de São Paulo (SF MSP) é responsável pela gestão e administração de 22 cemitérios municipais, um crematório, 12 agências de contratação de serviços funerários e 114 salas de velórios, distribuídos em todas as regiões da capital. Fiscaliza, ainda, 20 cemitérios particulares. Segundo o SF MSP, os cemitérios públicos de São Paulo representam, ao todo, 3,6 km² de áreas verdes, representando a segunda maior área verde da capital paulista.

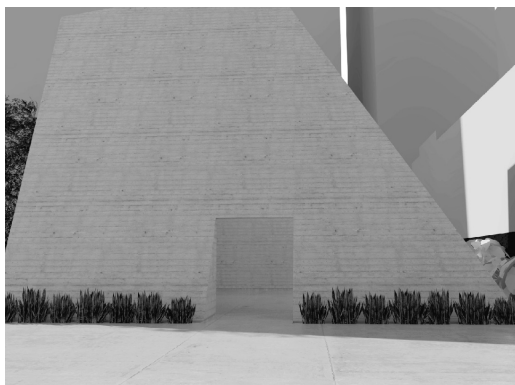
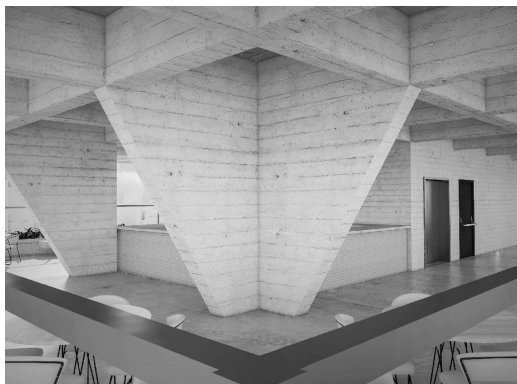
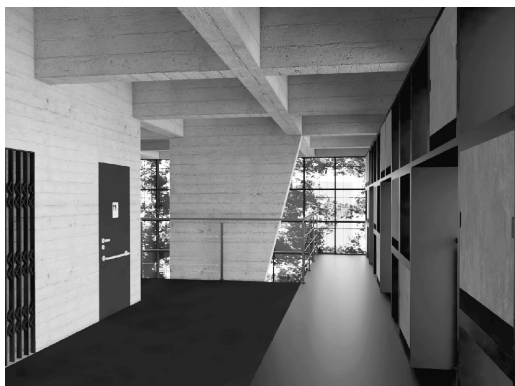
PROPOSIÇÃO DE CEMITÉRIO VERTICAL

As reflexões desse ensaio foram fundamentadas em pesquisas históricas a respeito das atitudes do homem frente à sua morte e à morte dos seus próximos, bem como suas consequências na conformação da cidade e dos

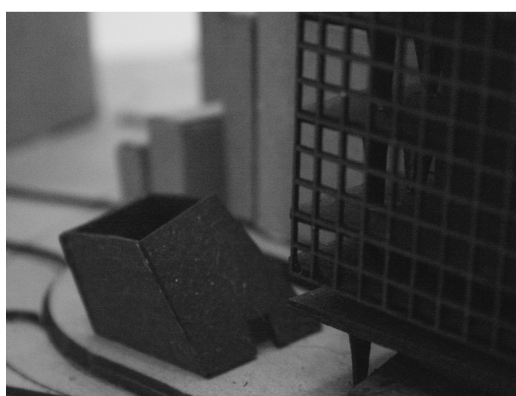
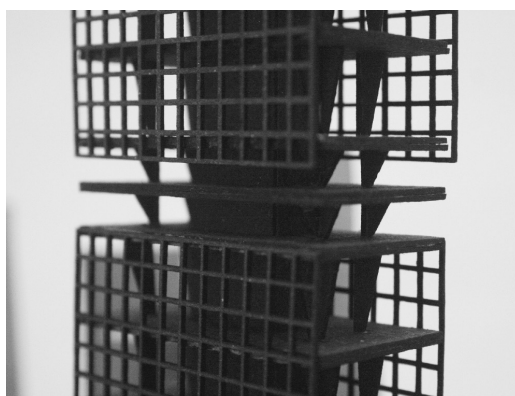
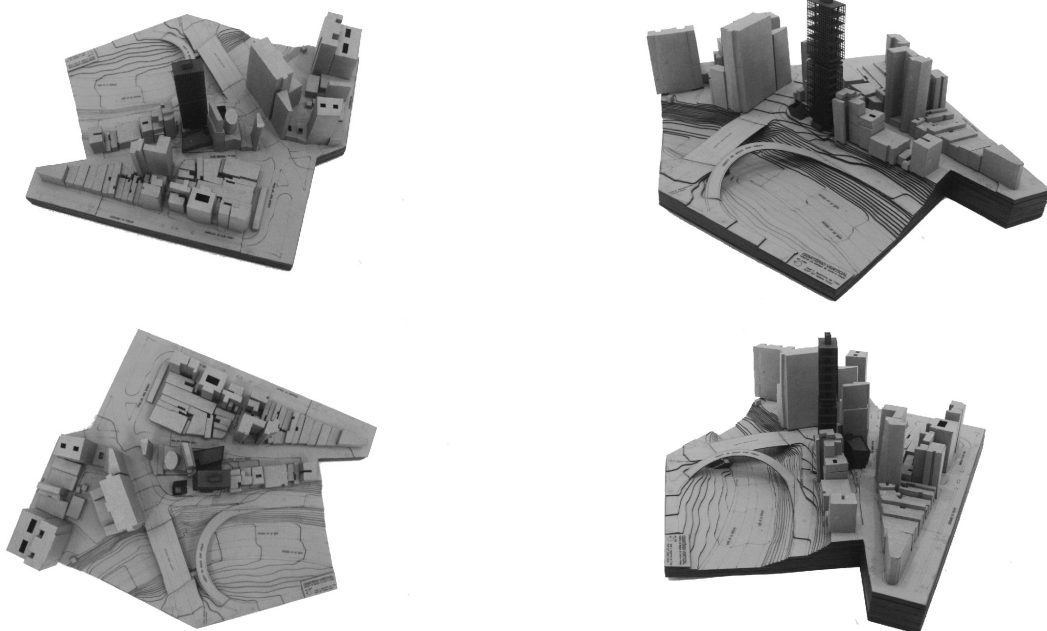
espaços edificados para o destino final das pessoas. O objetivo do processo se pautou na visão contemporânea da morte e suas consequências para a cidade, a fim de formar uma base conceitual para a elaboração de um projeto de espaço fúnebre, mais especificamente, um cemitério vertical.

A escolha de possíveis terrenos foi feita através da identificação de potenciais áreas livres no centro da cidade de São Paulo que pudessem de alguma forma contribuir com a edificação proposta. Após a análise de áreas subutilizadas, observou-se potencialidades no terreno localizado entre a Rua Dr. Rodrigo Silva, a Praça Carlos Gomes, o Viaduto Dona Paulina e seu acesso, totalizando uma área de 2.477m².

A edificação proposta foi pensada como um prolongamento do tecido urbano já consolidado, totalmente aberto ao público, integrando a cidade dos vivos e dos mortos sem nenhuma barreira. O programa é



Perspectivas internas da edificação funerária e da capela ecumênica.
Fonte: Elaborado pelo autor.



Maquete física.

Fonte: Elaborado pelo autor.

distribuído pelo lote em quatro volumes distintos que compõem o conjunto de espaços dedicados aos rituais simbólicos, o acolhimento aos enlutados e todo o processo de preparação do corpo morto.

A verticalização assumida marca a paisagem urbana com uma tipologia espacial que, historicamente, se tornou repulsiva e distante do cotidiano das pessoas. O cemitério vertical funciona não como um elemento de degradação, mas sim um atrator. Ele se abre à cidade dos vivos e recebe-os para além da função de memória, como um espaço de convivência,

um símbolo de reflexão da ausência e um farol para a cidade.

Entende-se que as questões levantadas, sejam elas técnicas ou simbólicas, e os objetivos propostos foram alcançados, apesar de a edificação proposta, de cerca de 4 mil vagas funerárias, não se apresentar como uma solução regional, mas local, para o aumento da oferta de vagas funerárias. Entretanto, o projeto busca retomar a participação do cemitério no cotidiano da cidade por meio de sua presença na paisagem urbana e no tecido urbano consolidado.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **A história da morte no ocidente:** da idade média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- BAYARD, Jean Pierre. **Sentido oculto dos ritos mortuários:** morrer é morrer? São Paulo: Paulus, 1996.
- CAMARGO, Luís Soares de. As origens do Cemitério da Consolação. **Guia da Secretaria Municipal de Cultural**, São Paulo, n.17, p.74-75, 2008.
- CYMBALISTA, Renato. **Cidade dos vivos:** arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios do Estado de São Paulo. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2002.
- HARNIK, Simone. Estudo põe em foco a arquitetura dos túmulos do interior paulista. **Agência usp de Notícias**, São Paulo, n.1312, 10 nov. 2003. Disponível em: <www.usp.br/agen/repgs/2003/imprs/249.htm> Acesso em: abr. 2018.
- LIMA, José Tiago Belarmino de. **Cemitério vertical:** refletindo os espaços da morte e cidade. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) — Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Senac, Campus Santo Amaro, São Paulo, 2018.
- MUMFORD, Lewis. **A cidade na história:** suas origens, transformações e perspectivas. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- OSMAN, Samira Adel; RIBEIRO, Olívia Cristina Ferreira. Arte, história, turismo e lazer nos cemitérios de São Paulo. **Revista Licere**, Belo Horizonte, v.10, n.1, p.1-15, abr. 2007. Disponível em: <periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/946>. Acesso em: mar. 2018.
- REIS, João José. **A morte é uma festa:** ritos fúnebres e revolta popular no Brasil no século XIX. São Paulo: Cia das Letras, 1991.
- RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da morte.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.
- SERVIÇO FUNERÁRIO MUNICIPAL DE SÃO PAULO. Disponível em: <www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/servico_funerario/>. Acesso em: mar. 2018.
- SOBRINHO, Bráulio Miranda dos Reis. Cemitério e Meio ambiente. **Revista Educação Ambiental em Ação**, Salvador, n.3, 2002. Disponível em: <www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=107&class=21>. Acesso em: mar. 2018.
- WILLMOTT, Hugh. **Death. So what? Sociology, Sequestration and Emacipation.** Sociological Review, [s.L.], v.48, Manchester, 2000.

SOBRE O AUTOR

Arquiteto e urbanista graduado pelo Centro Universitário Senac de São Paulo em 2018.

joset.belarmino@gmail.com